



UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA FEMININA DA/NA MÚSICA AMAZÔNIDA

Ludimila Godoi Navarrete

Universidade Federal de Rondônia
E-mail: ludimilanaavarrete@gmail.com

Nair Ferreira Gurgel do Amaral

Universidade Federal de Rondônia
E-mail: nairgurgel@uol.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo expor a relevância da produção musical de artistas da Amazônia, como Zezinho Maranhão, Bado, Celdo Braga (grupos: raízes caboclas e imbaúba) e Lia Sophia. A intenção é entendermos um pouco mais sobre a identidade, a localidade, bem como o respeito a diversidade de gênero, pois é fato que a música, a poética e a arte podem se tornar fonte de reflexão sobre o mundo dos “outros”, bem como uma atitude em favor da cultura Amazônida. Usaremos uma metodologia de levantamento bibliográfico sobre as obras necessárias. Podemos ainda ver com o olhar sob “mundo de frente” não utilizando nossas relações preestabelecidas, de um mundo “já vivido”, mas considerando o “daqui para frente”, portanto o devir, o que esperamos futuramente. Assim tomamos consciência de como os atuais debates social e político influenciam o pensamento crítico sobre uma sociedade, o quanto inclusive, ajudam na informação de que o melhor caminho é a busca por uma realidade em que “todos” os sujeitos estejam nela livremente “inseridos”. Observaremos quais as elaborações e reelaborações simbólicas vividas na Amazônia, diante da figura feminina, visualizaremos se há um número abrangente ou não de composições feitas por mulheres do norte.

Palavras-chave: Amazônia. Mulher. Cultura. Música. Identidade.

Abstract: This work aims to expose the relevance of the musical production of artists from the Amazon, such as Zezinho Maranhão, Bado, Celdo Braga (groups: caboclas roots and imbaúba) and Lia Sophia. The intention is to understand a little more about identity, locality and respect for gender diversity, for it is a fact that music, poetry and art can become a source of reflection on the world of “others”, as well as as an attitude in favor of the Amazonian culture. We will use a methodology of bibliographical survey on the necessary works. We can still see with our eyes under the “world of the front” not using our pre-established relations, of an “already lived” world, but considering the “henceforth”, hence the becoming, what we hope in the future. Thus we become aware of how current social and political debates influence critical thinking about a society, and even help in the information that the best way is the search for a reality in which “all” the subjects are in it freely “inserted”. We will observe the elaborations and symbolic reworkings experienced in the Amazon, in front of the female figure, we will see if there is a comprehensive or not of compositions made by women from the north.

Key words: Amazônia. Woman. Culture. Music. Identity.

Introdução

Em muitas experiências nacionalistas inconsequentes o século XX nos mostrou que ações sobre a própria terra ou afirmação de identidades a qualquer preço, podemos trazer consequências devastadoras sobre os povos como as ditaduras militares na América Latina, nazismos, fascismos, colonialismos etc. Tudo isso sempre apresentado por tensões de amor(insano) à pátria. Relações sociais oriundas da não aceitação das diferenças culturais (religiões, raça, gênero e outros) marcadas por relações sociais tensas, a nada nos levou a não ser a milhares de inúteis mortes sangrentas e guerras que mais escravizaram do que libertaram povos.

A necessidade do entendimento sobre as identidades, e sobretudo a pluralidade delas, portanto, é uma questão de sobrevivência para desestabilizar todo o discurso colonizador proferido até então, que por ser dominador, tem silenciado as demais identidades e as diferenças. É no estudo de tal contexto que nos é apresentada a arte musical na qual em suas letras muitas vezes dialoga com o povo do nortista e suas florestas, os rios. E neste caso, suas mulheres.

A região Norte é rica em pluralidade, o que deságua numa imensa gama de miscigenações rítmicas, encontramos músicas com o uso de diversos instrumentos, inclusive feitos com matéria prima local, os sons podem ser tirados de sementes, cascas, varetas, ou nos instrumentos mais comuns como violão, baterias entre outros.

A música é uma forma de arte, e como toda forma de arte uma possibilidade de revelar o imaginário criativo de um povo, assim cremos que é fonte rica da expressão das ideias, sonhos e sentimentos de seus envolvidos.

Nosso objetivo nesse estudo é saber se as elaborações e reelaborações simbólicas sobre o feminino, a partir da realidade vivida na Amazônia é entremeada por relatos movidos pela vivência local? Por que há um índice tão pequeno de composições femininas em relação às masculinas na região Norte?

A metodologia realizada aqui consiste em uma revisão bibliográfica, para mostrar uma pequena análise, dos componentes presentes nas letras musicais produzidas na região Norte, verificando assim, itens da cultura e identidade da mulher amazônica, diante de suas condições de vida e possibilidades culturais e políticas locais.

A identidade é marcada por expressões diversas que marcam a cultura de homens e mulheres que se desenvolvem na fronteira entre a grande cidade e floresta, ao que atribui Loureiro (2001) “O homem da Amazônia, o caboclo, vivendo fora do contexto das grandes cidades” (2001, p. 67). Assim entendemos que a figura da mulher, também como a masculina, deve estar ligada à sobrevivência suprida pelas florestas, tanto na pesca, como na colheita dos frutos, deslocamentos, captura da caça, entre outros.

A Amazônia é plena de misturas culturais, miscigenada pelas raças e rica em religiosidades, por este motivo foi escolhida como cenário para este trabalho, já que a

diversidade é totalmente ligada às linguagens e à musicalidade como forma de expressão reveladora das identidades.

As expressões musicais de um povo são de extrema importância para dar voz aos seus desafios, anseios e lutas. A manifestação pela língua, aqui na música pode ser uma excelente discussão para levantarmos a diferença desses sujeitos, no caso femininos.

Os sujeitos femininos em muitos estilos musicais são estereotipados e objetificados ao seu corpo, ou a sentimentos que suscitam fragilidade e delicadeza. Uma forma de colonizá-los repetidamente a um entendimento que se resumem apenas a importância física e sua domesticização para que aceite mais passivamente o discurso colonizador, com todas as incoerentes imposições do sistema social patriarcal.

Além da fronteira espacial dos estados, e aqui devemos levar em consideração conforme encontramos na página oficial do Instituto Brasileiro de Florestas “A Amazônia é formada por distintos ecossistemas como florestas densas de terra firme, florestas estacionais, florestas de igapó, campos alagados, várzeas, savanas, refúgios montanhosos e formações pioneiras.”(2019).

Observando tal diversidade natural podemos encontrar nas letras musicais, um sentimento de pertencimento compartilhado com a população amazônica. É o que se pode notar em canções como a do músico amazonense Celso Braga.

Numa cuia
cabe as cores da paisagem
cabe passos pela margem
caminhando em comunhão
BRAGA

Observamos nos versos o comprometimento, acima de tudo, com uma integração cultural com sua gente, deixando entender que a arte além de encantar, transmite os saberes do povo, bem como a identificação com a terra, a valorização da comunhão pelo bem comum. Observamos que o que é visto pelo homem aqui, é permeado a partir das construções simbólicas como:

O homem vê as coisas do mundo e as remolda por sua faculdade simbolizadora, na medida que as vê umas em relação às outras. Constrói relação entre o que conhece, o que guarda na arca da memória e o que alimenta com sua experiência. (LOUREIRO, p. 30, 2008)

Nossa intenção aqui é observar quais são os pensamentos revelados sobre as mulheres amazônicas nas canções dos artistas locais. Quais os ideários construídos sobre o feminino na Amazônia? Por que há tão poucas composições femininas no norte? Como são mostradas as identidades e vivências femininas?

1. Por que falar sobre o feminino?

As discussões sobre o feminino no cenário acadêmico têm tomado proporções cada vez maiores, mas ainda encontramos diversas formas de preconceito contra a mulher, no próprio âmbito musical quando são estereotipadas e objetificadas. Assim como aponta Susana Bornéo Funck, em seu artigo intitulado, *O que é uma mulher?* (2011) “A identidade, como a de gênero, a sexual, ou qualquer outra, é produto tanto da cultura e do discurso, quanto da natureza que nos identifica na materialidade do corpo.” (FUNCK, 2011).

Portanto estudar a forma como são tratadas é uma importante chave para levantar possibilidades de diálogos acerca da importância de empoderá-las pelas canções produzidas na região Norte.

Dada a nebulosidade de que se revestem as informações sobre a mulher, tentar captar como se inseriu na realidade social passada na Amazônia, requer um duplo desafio: primeiro, buscar o entendimento das relações sociais, políticas e econômicas que, imbricadas, produziram um determinado ideário sobre a mulher, e, segundo, o ocultamento que cerca as informações sobre a mulher, pela excessiva ‘naturalização’ como são vistas e registradas pelos observadores as práticas de relação de gênero (COSTA, p. 26, 2005)

Fato que o feminino nos escritos e produções artísticas feitas por homens em sua maioria permeados por uma figura distante das mulheres reais, e das mulheres falando sobre si, foram dispersos e as próprias escreviam e, ainda escrevem pouco sobre si num pudor que permeado durante toda a história confinadas ou submersas no esquecimento dos holofotes artísticos. Como discorre Michele Perrot (2007), em sua obra *Minha História sobre as mulheres*:

Quanto aos observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinos, a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos. (...) A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. (PERROT, p. 17, 2007)

Assim como o simbólico precisa do ser humano para existir, Loureiro nos contempla com o pensamento de que os valores criados pelos homens, apenas existem pelos homens e que somente pelo processo cultural se dá a legitimação, a renovação e assim, claro, a continuidade desses valores.

Deste modo enfatiza que “o processo cultural, portanto, é cultivar e viver com amor a plenitude da existência humana” (LOUREIRO, p. 32, 2008)

Rondoniana diz que me ama
diz que me anda um passo à frente
atrás

atoa
quem sabe mais
(Rondoniana- Bado)

A mulher rondoniana de Bado se impõe, rompendo com os estereótipos e sexismos. Está “um passo à frente”, com talvez o desejo de transpor barreiras, de adiantar-se frente às dificuldades impostas pela sociedade ou como afirma Loureiro “O real nos coloca diante da objetividade prática de viver” (2008, p. 32). Ou seja, andar à frente como manifestação simbólica de seu desejo por liberdade de diminuir a distância do que é sonhado para o que é necessário tornar-se real.

Esse passo a frente rompe a tradição de atuar somente após o homem: primeiro Adão depois Eva, ou no dito popular “por trás de todo grande homem encontramos uma mulher”, além de outras visões em que está fadada aos papéis relacionados ao secundário.

E em teu leito eu amanheço
Sol batendo na pestana
Merecer na noite fria aquecer-me em tua cama
Um dia de solidão sonhar que você me chama
(Porto Rondoniana- Zezinho Maranhão)

Na canção de Zezinho, entendemos que há uma relação íntima com a chamada rondoniana, porém, sua representatividade não se detém ao corpo, como infelizmente observamos ao longo da história a exploração desta posição central em tantas escritas, visualizando a estética, aparências e sexualidade.

A mulher é vista ao longo da história como um ser de fragilidades como uma representação do receptáculo calmo e quente, mas na canção não se impõe a vontade do homem, mas a autorização feminina. Ao falar sobre a representação do sexo feminino Perrot (2007) afirma “De Aristóteles a Freud, o feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza” (p.63).

Sobre a construção histórica de uma mulher diante da visão comportamental Susana Funck complementa que “uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere” (2011, p.67). Ainda sobre a construção da mulher, é estabelecido por Funck que ela, a mulher, pode aceitar as normas ou rebelar-se contra, pois é seu direito. (2011, p.67).

No aspecto de convívio humano, a canção abaixo coloca homens e mulheres em uma condição igual de precursores da sua história, como podemos observar

Cada canto esconde um canto
Cada homem e mulher
Tem a fé, a força e a história
Pra contar pra quem quiser
(Caminhos de Rio – Celdo Braga)

Há a preocupação na letra de Celdo Braga com uma relação direta entre homens, mulheres constituídos e impregnados pela mesma vivência poética e histórica. Assim ficamos diante de uma reflexão acerca da igualdade entre gêneros nos convidando a ampliar nossos horizontes, a contar nossas experiências a todos dispostos a ouvir, e principalmente a compreender suas diferenças e necessidades.

A questão do envolvimento das identidades é um acontecimento realmente necessário, principalmente porque somos individualmente expostos ao que Bauman discorre sobre a consistência e continuidade da nossa identidade ao longo dos anos, portanto somos “uma comunidade de ideias e princípios” (2005. P 19)

Contudo entendemos que a identidade é resultado das negociações permanentes daquilo que se pratica e domina no mundo a nossa volta, ou seja nossos fragmentos são fragilmente conectados e estão se conectando a outros, formando uma parte nova, assim:

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação as últimas. (BAUMAN, p. 19, 2005)

É interessante discutirmos um pouco sobre a representatividade da cultura cabocla para entendermos um pouco mais sobre a identidade cultural destas mulheres, assim reconhecendo sua identidade, valorizamos suas diferenças, por conseguinte, reconheceremos as desigualdades sociais existentes ao longo da história.

2. A cultura cabocla: uma diversidade de identificações

Quando pensamos em cultura buscamos suas raízes, encontramos no latim, *colere*, como significado culto à memória dos antepassados. O conceito de Homi Bhabha (2007, p. 20) é que nenhuma cultura pode ser limitada a si mesma, ou apenas do “eu” com o “outro”, mas que há um espaço que ele intitula como entre-lugares no qual os sujeitos se formam, esses excedentes são muitas vezes o que difere das maiorias expressadas nas raças, gêneros e classes.

Sabidamente Loureiro dá a um capítulo de sua obra *A arte como encantaria da linguagem* (2008) o título de “Cultura Amazônica: uma diversidade diversa”, no qual fortalece a necessidade da diferença, do que é diverso e típico, pois garantem a subsistência da diversidade (2008, p. 173). Ao ouvirmos as canções envolvidas pela cultura cabocla percebemos uma relação povoada pela fina relação dos poetas aqui estudados com o rio, onde seus caboclos humanizam a floresta, a visualidade das letras é marcada pelo grandioso “mundo amazônico”



Barco de tantas lembranças
Nos porões dos pensamentos
Somos todos navegantes
Somos viajantes
Presos no leme do tempo.
(Barco- Celso Braga/ Grupo Imbaúba)

O fazer poético destes compositores é um rio imenso que suscita diversas metáforas e possibilidades e aqui, essas identidades e identificações, são registradas em sua memória social, persistindo no tempo, graças a força dos caboclos e caboclas conscientes de seu próprio valor. Como destacado por Loureiro “A sociedade amazônica tendo consciência de si mesma, reconhecendo-se com relação inter-humana, intersocial e, ao mesmo tempo, com a natureza e a história” (1995, p.33).

A produção poética desenvolvida no trecho a seguir, composta por Silvio Santos e conhecida na interpretação de Zezinho Maranhão não se apresenta com ideologias, mas com a crítica de quem observa e fala da sua terra sendo abraçada por outros ao citar que ela é nossa e não há outro dono, a não ser sua gente. Visualizamos que o compositor argumenta sobre o desenvolvimento expondo que não é mais tranquila, assim entendemos que seu aspecto de cidade amazônica tranquila foi tomada por outro, quem sabe, conflituoso, ou agitado.

E o velho do porto
Não é mais tranquilo nem dono de nada
E o porto do velho virou Porto Velho
Nossa terra amada
(Porto, Velho Porto – Silvio Santos)

Assim conversando sobre a identidade da cultura cabocla é que entendemos cada vez mais a necessidade de registrar os elementos que lhe conferem resistência e força ao passar do tempo. Assim não desfazendo o seu valor e importância é que Loureiro aponta que “A cultura cabocla se tornou a expressão das camadas populares das cidades, fundindo-se, assim numa só argamassa cultural –a da cultura popular”. (1995, p.35).

Portanto na identidade cultural Hall (2006, p.9) nos fornece um horizonte a respeito das mudanças no âmbito das sociedades, o movimento descentralizante permeado pelas identidades modernas. Dizendo que:

Isso está fragmentado as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, p. 09, 2006)

Vê-se que estamos em um processo de conhecimento das identidades, e somente deste modo poderemos compreender seu caleidoscópio de cores e possibilidades de sentidos. Reconhecer o contexto dos menos favorecidos é entender seu local de fala, suas angústias, suas origens e conseqüentemente sua realidade histórico-cultural.

3 Mulheres e seu lugar de fala na música

A criação (escrita) pelas mulheres nos tempos remotos foi restrito ao domínio privado, ou seja, ao que era reservado aos assuntos da família. Nos demais aspectos de criação possuem um histórico de invisibilidade como apontado a seguir,

Escrever, pensar pintar, esculpir compor música.. Nada disso existe para essas imitadoras. Até a costura ou a cozinha, práticas costumeiras das mulheres, precisam tornar-se masculinas para serem “alta” (a alta costura) ou “grande” (a grande cozinha). (PERROT, p. 97, 2007).

É perceptível a dificuldade de transpor as barreiras literárias quando notamos a pequena parte de mulheres ocupantes das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, ou numa pesquisa de como muitas dessas escritoras adentraram o mundo literário, na maioria das vezes com pseudônimos masculinos.

Nas vanguardas tínhamos um número limitado de mulheres segundo Perrot, apareciam “exceto quando tinham relações familiares com seus representantes” (2007. p, 103). O que nos remete a uma insegurança de adentrar em um mundo difícil provavelmente colonizado em sua maioria por homens.

Na música ao adentrar na história de composições temos um número superior de mulheres intérpretes do que de compositoras desde modo, entendemos que há dificuldades ainda para que as mulheres possam adentrar no universo das artes, no entanto, um fato a ser considerado é que:

No entanto, hoje as mulheres são as principais consumidoras de arte. Elas participam de corais, estão presentes em massa nos concertos, nas exposições. Também são mecenas, apesar de as grandes coleções de arte serem em sua maioria masculinas, pois o dinheiro e o poder são coisas de homem. Entretanto, ao serem dotadas desses recursos sabem servir-se deles. (PERROT, p. 97, 2007).

Ao realizar a busca para este trabalho foi notória ainda uma ausência de canções produzidas por mulheres amazônicas compartilhando suas vivências e lutas presentes no cenário artístico e local.

Nas letras encontradas podemos observar que se tratam de mulheres que lutam pelo respeito, para serem descobertas e valorizadas

Ela é forte
Tem filhos
Nos negócios decide
Ela é boa no dribble
Faz seu próprio caminho
(Ela- Lia Sophia)

Considerando o pequeno número de canções para aprofundarmos nossa pesquisa é, sem dúvida, o maior desafio praticar a discussão de uma obra ainda tão invisível, pouco divulgada nas redes sociais e em páginas musicais.

O fato é que a temática é imprescindível para a representatividade de tantas identificações, ou como Bhabha exprime como ponto de identificação, ou marcação da ambivalência das condições discursivas, portanto, a representação é dividida. Ela “torna presente algo ausente”, e no tempo está constantemente sendo adiada. (2007, p. 85)

No que tange aos aspectos encontrados na canção é de suma importância entender que nas canções amazônicas encontraremos a presença de dois espaços culturais: O rural (ribeirinho) e o urbano (cidade), a mulher apresentada tem poder decisivo nos negócios, ou seja correspondendo as atividades do mercado de trabalho.

Sobre os aspectos que envolvem atividades nos espaços Loureiro nos fala que “A cultura urbana se expressa na vida das cidades” além disso acrescenta que “nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas”. (1995, p.55).

Todavia se a trocas simbólicas podem ser mais intensas no espaço urbano a mulher apresentada como a que “faz seu próprio caminho”, cabe aqui a afirmação de Perrot: “Os trabalhos domésticos propriamente ditos se amenizaram. Mas os filhos – sua saúde, seus estudos e duas distrações- os substituíram” (2007, p. 118) Essa mulher vê-se nitidamente no espaço pelo qual segue destino, bem como as dificuldades que essas escolhas acarretam. Nesse aspecto ela defende suas escolhas, sua identidade, portanto:

A identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais (BAUMAN, p. 22, 2005)

Ao pesquisar e ouvir as músicas procuramos escolher uma que enfatizasse o simbólico amazônico vivido por essa mulher, sua relação com a natureza e encontramos o trecho:

Não me provoca
Eu sou filha da floresta
E se o vento me sopra
Eu faço pororoca
(Eu me chamo Amazônia- Lia Sophia)

Observamos uma nova relação no trecho acima, entre a atmosfera do imaginário, a afirmação identitária e um estético de realidade cultural. Loureiro nos conta que essa experiência perceptiva é uma espécie de *sfumato* que funda uma zona indistinta entre o real e o imaginário, conforme:

Mergulho na profundidade das coisas por via das aparências, esse é o modo de percepção, do reconhecimento e da criação pela via do imaginário estético poetizante da cultura amazônica. (...) Como elemento que estabelece uma divisão imprecisa, semelhante a do encontro das águas (de cores diferentes). (LOUREIRO, p. 58, 1995)

Assim em “Eu faço pororoca” ao que o dicionário Amora da língua portuguesa (2014) revela é “elevação repentina de grandes massas de água junto à foz dos grandes rios”, ou seja correntes bruscas e fortes, para essa referência acontece um movimento de conversão semiótica em que Loureiro discorre “a linguagem de função prática da lugar à função poética” (2008, p.16).

Encantadora é a canção que canta as florestas amazônicas, não maneira ingênua ou xenófoba, mas como uma forma de expressar-se intimamente com sua realidade permeada de situações, desejos e tensões culturais.

A mulher apresentada é assumidamente “filha da floresta”, sabe de si, sua representação, mesmo nessa atmosfera simbólica assumida é de caráter auto-reflexivo.

Considerações finais

Como dito no início, as louvações permeadas por extremos podem ser a pior ferida no seio da humanidade quando estão ligadas a uma ideia de desigualdade resultada pela superioridade entre um povo e outro. No entanto, falar sobre amor, sobre as gentes, suas lutas e suas mulheres, nada mais é do que um reconhecimento e necessidade ao nosso próprio existir, como fazem os artistas pesquisados, é uma consolidação da expressão máxima dessa cultura que não pretende ser maior, mas ser notada, ser visível e quem sabe, espaço para que as diferenças sejam abordadas.

Por meio da música intermediada pela voz de seus compositores se reivindica, o lugar e o valor de quem mora nos espaços urbanos ou da floresta, é essa mesma música que nos relata sobre as belezas e diferenças de sua terra transcendendo significações.

Essa poética quando oralizada é comparada por Loureiro (2008) “um mergulho” como se fosse um ato de Orfeu feito pelo poeta, em nosso caso os compositores/as em cada estrofe para fazer emergir e “bubuiar” nas escritas, os rios da linguagem pelo toque da palavra. (2008, p.102)

Assim nota-se que os valores criados, estão além da simples criação feita pelos compositores/as, mas sim exprimem toda a vivência dessa gente, além do empoderamento que é presente em algumas canções, como podemos visualizar em:



Mulher, mulher, mulher, mulher
Dona do próprio corpo
Ela faz o que quer
(Ela- Lia Sophia)

O corpo da mulher colocado não como objeto de desejo, ou imóvel, mas como uma parte da construção de uma vida ativa e como representatividade de experiências e lutas e não como abordado por Perrot (2007) sobre as teorias de Aristóteles e Freud:

O sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma malcozida. Freud faz da “inveja do pênis” o núcleo obsedante da sexualidade feminina. (PERROT, p. 63, 2007)

Assim o corpo argumentado na pesquisa de Perrot sobre tais teorias é que trata-se de “um ser em concavidade, marcado para possessão, para a passividade” (2007, p.63). Na canção a mulher é ativa e sendo “dona” do seu corpo realiza seus desejos e fantasias contidos em seu imaginário.

Podemos concluir que mesmo nesta letra que fala também sobre a sexualidade, além da representatividade do corpo é intrínseca a presença da identidade feminina, como um ser que escolhe e não como um ser que é escolhido. Esse é um artigo que procura discutir algumas letras que tratam da mulher etc. Mas sabemos que é um tema que ainda carece de estudos mais profundos para poder dar conta de toda a dimensão social que letras de música podem oferecer para se pensar as relações de gênero e a forma com mulheres são representadas em uma cultura.

Referências

- AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário da língua portuguesa**. 20 ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. 4 ed. Belo Horizonte/ MG: UFMG, 2007.
- COSTA, Heloísa L. Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo:Escrituras, 2008.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. São Paulo:Escrituras, 1995.



PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

FUNCK, S. B. O que é uma mulher?/What's a woman?. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 20, 2011. p. 63-74.

BADO. **Rondoniana**. Disponível em: < <https://youtu.be/328PPQE8JmE>>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

SOPHIA, Lia. **Ela**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/lia-sophia/ela/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

SOPHIA, Lia. **Eu me chamo Amazônia**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=N5iO5SOblI8>>. Acesso em: 10 agosto. 2018.

BRAGA, Celdo. Raízes Caboclas. **Caminhos de rio**. Disponível em: <<https://youtu.be/4nYSIPo4sAl>>. Acesso em: 10 de agosto. 2018.

MARANHÃO, Zezinho. **Portorondoniana**. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y5ldCo28pDI>>. Acesso em: 01 maio. 2019.

Instituto Brasileiro de Florestas:

Disponível em:<<https://www.ibflorestas.org.br/bioma-amazonico>>. Acesso em: 01 maio. 2019.